

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

JONATAS LUIZ SOARES DA COSTA

**O FILME *OLYMPIA* DE LENI RIEFENSTHAL: O CINEMA
NAZISTA COMO FERRAMENTA DE POLÍTICAS
INTERNACIONAIS ATRAVÉS DA TEORIA *SOFT POWER***

BAURU

2017

JONATAS LUIZ SOARES DA COSTA

**O FILME *OLYMPIA* DE LENI RIEFENSTHAL: O CINEMA
NAZISTA COMO FERRAMENTA DE POLÍTICAS
INTERNACIONAIS ATRAVÉS DA TEORIA *SOFT POWER***

Artigo apresentado a Universidade do Sagrado Coração como requisito à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Walter Ribeiro de Barros Junior.

**BAURU
2017**

Costa, Jonatas Luiz Soares da
C8375f

O filme Olympia de Leni Riefensthal: o cinema nazista como ferramenta de políticas internacionais através da teoria Soft Power / Jonatas Luiz Soares da Costa. -- 2017.
63f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Walter R. de Barros Junior.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Cinema. 2. Soft Power. 3. Olympia. 4. Imagem. 5. Nacional socialismo. I. Barros Junior, Antônio Walter Ribeiro de. II. Título.

JONATAS LUIZ SOARES DA COSTA

**O FILME *OLYMPIA* DE LENI RIEFENSTHAL: O CINEMA
NAZISTA COMO FERRAMENTA DE POLÍTICAS
INTERNACIONAIS ATRAVÉS DA TEORIA *SOFT POWER***

Artigo apresentado a Universidade do Sagrado Coração como requisito à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Walter Ribeiro de Barros Junior.

Bauru, 14 de novembro de 2017.

Banca examinadora

Prof.^o Dr. Antônio Walter Ribeiro de Barros Junior

Prof.^a Me. Beatriz Sabia Ferreira Alves

Prof.^a Me. Roberta Cava

Dedico primeiramente a Deus, depois a Rosângela Esperândia e José Maria pelo apoio incondicional em todos os momentos, tanto a eles quanto a sua família, a minha mãe Marta Margareth pelo apoio mesmo morando em outro estado.

Ao Prof. Dr. Antônio Walter Ribeiro de Barros Junior, que com tanta gentileza e atenção me auxiliou neste trabalho de maneira excepcional;

A minha Coordenadora do Curso de Relações Internacionais Prof.^a Me. Beatriz Sabia Ferreira Alves, bem como a Prof.^a M.^a Roberta Cava que sempre apoiou os alunos através de sua dedicação e amor em lecionar. Aos meus amigos pela motivação de sempre buscar o melhor para mim.

RESUMO

Desde a primeira exibição no Salão *Grand Café*, em Paris, na data de 28 de dezembro de 1895, onde os irmãos Louis Lumière e Auguste Lumière fizeram uma demonstração do seu invento que batizaram de Cinematógrafo, o Cinema tem sido uma ferramenta muito importante no mundo. O interesse por essa ferramenta aumenta consideravelmente a cada dia, e para cada um uma intenção sobre como utiliza-la. Antes mesmo do cinema já havia a utilização de mídias para promover propaganda estatais, e com o seu surgimento ficaram maiores as possibilidades em dominar a forma de pensar das massas, uma vez em que era um ótimo empreendimento de “entretenimento”. Logo surgiu a Teoria de Soft Power para esclarecer a utilização das fontes midiáticas em correlação a esta dominação da massa. O presente artigo tem por objetivo expor a história do cinema em sua formação e evolução, levando em conta o uso do mesmo como ferramenta política para os governos, isto analisado através do filme *Olympia* de Leni Riefenstahl, esclarecendo também, seu contexto histórico, político e cultural, para tanto é apresentado o Nacional Socialismo instaurado na Alemanha, bem como o livro de Cristine Zanella “O Cinema e as Relações Internacionais”, ambos sob a teoria de Soft Power levantada por Joseph Nye.

Palavras-chave: Cinema. Soft Power. *Olympia*. Imagem. Nacional Socialismo.

ABSTRACT

Since the first exhibition at the Grand Café in Paris, on December 28, 1895, where the brothers Louis Lumière and Auguste Lumière gave a demonstration of their invention that they called Cinematograph, Cinema has been a very important tool in the world. The interest in this tool increases considerably each day, and for each one an intention on how to use it. Even before the cinema, there was already the use of media to promote state propaganda, and with its emergence, the possibilities of mastering the masses' way of thinking were greater, since it was a great entertainment enterprise. Soon the Soft Power Theory appeared to clarify the use of the media sources in correlation to this domination of the mass. The present article aims to expose the history of cinema in its formation and evolution, taking into account the use of it as a political tool for governments, analyzed through Leni Riefenstahl 's Olympia film, also explaining its historical, political and the National Socialism established in Germany, as well as Cristine Zanella's book "Cinema and International Relations", both under the theory of Soft Power raised by Joseph Nye.

Keywords: Cinema. Soft Power. Olympia. Image. National Socialism.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. O cinema e a teoria do Soft Power.....	12
2.1 A teoria Soft Power ou o “poder brando”	12
2.2 Histórico do Cinema – Breve abordagem.....	16
3. A cultura cinematográfica e Relações Internacionais.....	19
4. O Nacional Socialismo – Abordagem Política e Histórica.....	23
4.1 A Ideologia Nazista e a Política Externa.....	29
4.2 Leni Riefenstahl: uma cineasta a serviço do Nazismo?.....	36
5. Aplicando Soft Power – “Olímpia” (Olympia – 1936).....	40
6. Conclusão.....	59
7. Referências.....	60

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Ao lado do General Ludendorff, Hitler no julgamento de 1923.....	24
Imagem 2- O Partido Nazista domina o Parlamento Alemão	26
Imagem 3 - Início do Boicote Judeu no exterior aos produtos alemães	29
Imagem 4 - O Ministro das Relações Exteriores da Alemanha -1932-1938.....	31
Imagem 5 – A Concordata do Reich de 1933.....	32
Imagem 6.- Carta de Saída da Alemanha da Liga das Nações	34
Imagem 7 – Hitler e Leni Riefensthal	38
Imagem 8 - Leni visualizando enquadramento de cena para gravação.....	39
Imagem 9 - Cartaz original do filme <i>Olympia</i>	41
Imagem 10 - Recorte da cena inicial do filme <i>Olympia</i>	42
Imagem 11 - O revezamento da tocha olímpica.....	47
Imagem 12 - Ginasta olímpico em sua modalidade.....	48
Imagem 13 Tribuna de abertura dos Jogos Olímpicos de 1936.....	49
Imagem 14 Cartaz oficial das Olimpíadas de 1936	50
Imagem 15 Cena de Abertura do filme <i>Olympia</i>	51
Imagem 16 Recepção da tocha na entrada do estádio olímpico de Berlim.....	52
Imagem 17 Cena do filme <i>Olympia</i> que retrata um atleta de disco.....	53
Imagem 18 - Leni Riefensthal e a seleção de cenas do filme	54
Imagem 19. Entrada de Hitler na abertura dos jogos olímpicos de 1936.....	55
Imagem 20 Saudação olímpica faz alusão à saudação nazista.....	56
Imagem 21 Jesse Owens.....	57
Imagem 22 Pódio dos campeões nos jogos de 1936.....	58

1. Introdução

Desde a primeira exibição no Salão *Grand Café*, em Paris, na data de 28 de dezembro de 1895, onde os irmãos Louis Lumière e Auguste Lumière fizeram uma demonstração do seu invento que batizaram de *Cinematógrafo*, o cinema tem sido uma ferramenta muito importante no mundo das artes, assim como da política internacional¹. O interesse por essa ferramenta aumenta consideravelmente nas últimas décadas e sua utilização é implementada ainda a cada dia. Realmente, conforme estudo de Quinsani (2010) , não conseguimos definir apenas uma utilização para o cinema: pelo contrário, sempre surgem novos empregos e vantagens, como as contemporâneas formas de utilização comercial, caracterizadas por anúncios de empresas públicas e privadas nas sessões.

O objetivo principal deste trabalho será o de mostrar como a sétima arte pode ser utilizada como uma ferramenta das relações internacionais. Assim, fundamentando principalmente na obra de Nye (2002) e sua teoria do *Soft Power*, aplicada às Relações Internacionais, verificaremos a utilização das mídias para controle das massas pode ser utilizado de uma forma mais “branda” e algumas vezes quase imperceptível, passando assim despercebidas por telespectadores comuns. Desta forma, utilizaremos como exemplo uma produção cinematográfica no Nacional Socialismo (Nazismo) caracterizando como o cinema por se tornar uma ferramenta de propaganda ideológica.

Neste sentido, o presente trabalho tem como seu principal foco evidenciar a manipulação política para mudar a imagem da Alemanha nazista no exterior. Assim, fundamentado na Teoria de *Soft Power*, retrataremos a influência ideológica na narrativa do filme *Olympia* de 1936 - da cineasta alemã Leni Riefenstahl – fundamentando nossa análise em autores como Nye (2002) e Zanella (2012). Desta forma, através de nossa leitura, possibilitaremos a discussão da grande possibilidade de manipulação das informações e sua articulação política e ideológica na produção de obras artísticas que escondem um discurso tendencioso e uma imagem distorcida da realidade.

¹ Introdução fundamentada a partir dos estudos de QUINSANI, Rafael Hansen. A Revolução em Película: Uma reflexão sobre a relação cinema-história e a Guerra Civil Espanhola. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dissertação de Mestrado) (2010) pp. p. 61.

No segundo capítulo deste trabalho, fundamentaremos nossa ideia na teoria *Soft Power* ou o “poder brando”, aplicável em obras cinematográficas. Neste sentido, analisaremos rapidamente alguns aspectos da teoria de Joseph Nye, esclarecendo a questão do seu surgimento e significado e contraponto, bem como alguns exemplos aplicáveis para melhor entendimento do leitor. No mesmo capítulo apresentamos um breve histórico da origem do cinema, necessário para ressaltar a importância de suas inovações e influência.

No terceiro capítulo intitulado “*A cultura cinematográfica e as Relações Internacionais*”, será apresentado um breve estudo sobre a relação do cinema e a cultura de massa, onde as produções cinematográficas se popularizam e são agregadas à cultura da sociedade, tanto como entretenimento quanto como política.

No quarto capítulo, apresentaremos um histórico sobre o surgimento do Nacional Socialismo instaurado da Alemanha e sua estrutura política, demonstrando o trajeto histórico da relação do estado com a ideologia nazista os resultados disso no cenário internacional. Aqui, também, apresentamos um breve histórico da cineasta Leni Riefenstahl, produtora “*Olympia*”, objeto de nosso estudo.

No quinto capítulo intitulado “Aplicando *Soft Power* – *Olímpia* (*Olympia* – 1936)”, daremos significado à teoria *Soft Power*, expondo, através da análise de trechos do filmes e cenas, como grande evento das Olimpíadas de 1936 conseguiu uma mudança na imagem da Alemanha no cenário internacional, possibilitando futuramente o avanço nos objetivos expansionistas de Hitler.

Para iniciarmos o tema proposto, apresentaremos agora a fundamentação teórica de nossas ideias.

2. O Cinema e a Teoria do *Soft Power*

Para o entendimento de nosso estudo sobre o poder existente no âmbito das Relações Internacionais entre o cinema e a diplomacia, desenvolveremos agora as teorias necessárias para o entendimento do tema. Neste sentido, partindo do conceito de *Soft Power* desenvolvido no início da década de 1990, por Joseph Nye Jr., buscando a diferenciação das formas de execução e manutenção de poder brando no cinema.

2.1 A teoria *Soft Power* ou o “poder brando” aplicável em obras cinematográficas

O *Soft Power* (poder brando traduzindo para o português) é uma teoria nas Relações Internacionais concebida por Nye (2002) e utilizada para nomear a habilidade que um determinado governo de um Estado tem de influenciar seus cidadãos ou até mesmo os outros Estados no ambiente internacional, isso através de uma forma sutil que não deixa evidenciado a intenção de controlar. Normalmente é utilizado através do entretenimento onde o mesmo consegue ficar bem camuflado. Podemos citar a famosa “cultura do pão e circo” utilizada em Roma para que todos se entretessem com o que era oferecido e se sentissem completos sem exigências aos seus governantes e não refletissem a respeito da vida que levavam.

Neste sentido, podemos citar Adorno (1987), teórico da Indústria Cultural, quando dizia, “Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por ‘Indústria Cultural’ a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; esses pretendem, com efeito, que se trate de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, de forma contemporânea da arte popular.”

Como dissemos, o termo foi utilizado pela primeira vez por pelo professor de Joseph Nye, no fim dos anos 1980. A definição nas palavras do mesmo após um tempo foi,

O conceito básico de poder é a habilidade de influenciar outros a fazer o que você quer. Há três maneiras de se fazer isto: uma delas é ameaçá-los com galhos; a segunda é comprá-los com cenouras; e a

terceira é atraí-los ou cooperar com ele para que queiram o mesmo que você. Se você conseguir atraí-los a querer o que você quer, te custarão muito menos cenouras e galhos. Joseph Nye (2002)

Trata-se de um poder complexo e muitas vezes difícil de ser trabalhado, já que seus recursos em maioria não têm dependência de governos, e os efeitos do Soft Power são dependentes em sua maioria do aceite de outros Estados soberanos. Seus recursos atuam de maneira indireta muitas vezes, e normalmente levam anos para que sejam percebidos os resultados, e seus resultados não necessariamente podem ser provados empiricamente. As empresas têm grande importância na promoção da cultura, isto deve-se a autonomia difusa dos governos neste mesmo aspecto. As empresas são responsáveis em grande parte pela promoção de um determinado país, sendo que diversas vezes utilizam das forças culturais para cada vez mais serem inseridos no quadro internacional.

Através disto, parafraseando Joseph Nye podemos analisar três categorias de Estados que se utilizam da Teoria Soft Power para conquistar este espaço, sendo em primeiro lugar, aqueles em que a cultura e as suas ideias dominantes são próximos das normas globais que prevalecem em todo cenário global (onde agora são enfatizados o liberalismo, o pluralismo e a autonomia), em segundo, aqueles que possuem mais acesso aos vários tipos de canais de comunicação e, logo, possuem também mais influência sobre qual a forma com que as questões levantadas são tratadas, e em terceiro, aqueles no qual sua credibilidade é sempre reforçada por seu desempenho no cenário doméstico e internacional.

Para exemplificar a Teoria, Joseph Nye analisa o Soft Power em algumas situações históricas conhecidas:

Quando os Estados Unidos prestaram insuficiente atenção para temas de legitimidade e credibilidade da forma que procederam com sua política para o Iraque, as pesquisas de opinião mostraram uma dramática queda do Soft Power americano. Isso não preveniu os Estados Unidos de entrarem no Iraque, mas significou que eles tiveram que pagar um alto preço em sangue e riqueza do que pagariam tivesse o caso sido diferente. Da mesma forma, se Yasser Arafat tivesse escolhido o modelo de Soft Power de Gandhi ou Martin Luther King ao invés do Hard Power do terrorismo, ele poderia ter atraído israelenses moderados e agora teria um estado palestino. (2002)

Joseph Nye escreve “O Paradoxo do Poder Americano” após o 11 de setembro de 2001, para entender como a potência de maior poder bélico do mundo se viu tão vulnerável a ataques em seu território. A obra de Nye busca ilustrar a forma como ao mesmo tempo em que os Estados Unidos precisam se manter imponentes diante das ameaças possíveis a sua hegemonia, agindo de forma a não eliminar outros atores do mundo globalizado por completo. Devemos lembrar que esta obra é de 2002, logo todo o ocorrido era recente, e cheio de materiais para se trabalhar nas teorias expostas no livro. Ele analisa como os E.U.A poderiam ficar livres de represarias ou até mesmo de agir de forma exterminadora contra os outros atuantes do sistema global, isso passa pelas teorias de Hard e Soft Power, sendo assim como utiliza-los e quando, nesta obra Nye também explica porque os Estados Unidos passam por um paradoxo. O Soft Power é referido diretamente no livro de Nye lançado em 2004, *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, onde o autor faz alusão e exemplifica o conceito de forma mais ampla.

Nye ressalta que o Soft Power deve essencialmente advir de um meio sedutor - meio este que neste trabalho temos como o Cinema -, ele deve de certa forma atrair o foco de aplicação da ferramenta a querer se igualar a ideologia de quem exerce este poder, não utilizando a obrigação ou coagindo-o a fazer o que se deseja. Até por que, Nye também explica que os meios em que há uma obrigatoriedade ou coação através da força seriam encaixados em características de Hard Power.

“O Soft Power é uma articulação sedutora de poder, ele coopta as pessoas a quererem ser iguais ao invés de obriga-las a tal. O Soft Power tem a sua principal característica de acordo com conceitos ideais e culturais mais próximos com o que prevalece como uma norma global.” (NYE, 2002, p.123).

Para que seja mais clara a teoria, podemos utilizar de exemplos citados por Zanella (2015). Segundo a mesma,

Filmes são sempre janelas para mundos que de outra forma não conseguimos acessar. Pela capacidade que tem de aproximarem um objeto não raro distante, os filmes podem ser também uma ferramenta valiosa no estudo das Relações Internacionais. Para realizar esse potencial, o conteúdo dos filmes – e, em alguns casos, sua própria forma – precisa ser refletido e analisado a partir do momento em que foram criados, bem como por quem e para quem foram produzidos e a narrativa que desenvolvem.

Neste livro a autora demonstra de forma analítica e teórica porém clara e acessível, o que há por detrás das produções cinematográficas, no que se trata de contexto político, econômico e cultural, fazendo o leitor perceber que nunca se trata apenas de uma produção bem elaborada com efeitos especiais, sonorização e sucesso nas telas, mas muitas vezes simboliza uma indagação a toda a comunidade internacional ou até mesmo um grito de guerra contra conceitos ideológicos contrários a visão do território nacional da produtora ou como tratamos já neste, uma forma de influenciar os demais domínios políticos e seus Estados através do *Soft Power*.

Como enfatiza Nye (2002): “Se eu conseguir levá-lo a querer fazer o que eu quero, não precisarei obrigá-lo a fazer o que você não quer. ”

2.2 - *Histórico do Cinema – Breve abordagem*

Segundo Quinsani (2010), após a primeira película lançada nos cinemas parisienses, foi perceptível tamanho envolvimento do telespectador com esta nova ferramenta de entretenimento. O público se viu cativado com o tamanho da imagem projetada e a entorpecedora sensação de estar dentro das cenas mostradas. Originalmente a intenção de se projetar um filme em tela grande era exatamente essa, passar maior realidade nas tramas e cativar o público com essa possibilidade de quase tocar nos atores. Claro que os primeiros roteiros eram em preto e branco e sem som, porém para a época era uma das maiores invenções e assim começou a se alastrar pelo mundo. Todos queriam esta ferramenta nas mãos, ainda mais os Estados que eram potência, mostrando assim como referência no avanço tecnológico. Não demorou muito para que surgissem as indústrias cinematográficas, cada uma querendo superar as expectativas de realidade e desenvolver filmes que cativassem cada vez mais a população.

Segundo Rafael Quinsani (2010), foi no Salão Grand Café, em Paris, na data de 28 de dezembro de 1895 que os irmãos Louis Lumière e Auguste Lumière fizeram uma exibição do seu invento que batizaram de Cinematógrafo, exibindo *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*, a partir da estação de La Ciotat, com alguns passageiros à espera na estação. Na película vemos um carregador a avançar em direção à câmara. O comboio proveniente de Marselha aparece ao fundo e para no

lado esquerdo do ecrã. Os passageiros descem de uma carruagem, entre os quais se vê uma senhora com um mantelete. Os próximos passageiros preparam-se para partir e vê-se um homem transportando um barril. O filme foi gravado de apenas uma perspectiva e tinha duração de cinquenta segundos. Muito simples e rápido, nada comparado as grandes produções atualmente. No contexto da Primeira Guerra Mundial, a indústria cinematográfica da Europa foi devastada. Os EUA tiveram destaque no mundo do cinema produzindo e também importando diversos rolos. Thomas Edison realizou tentativas de ter direitos sobre o chamado cinematógrafo.

Segundo Quinsani (2010) Houveram alguns produtores que trabalhavam de forma independente que saíram de Nova York rumo à costa oeste para um povoado chamado Hollywoodland, uma sugestão dada por Griffith². Nesse povoado encontraram as ideais condições para rodar filmes, como: quase todo o ano com dias ensolarados, paisagens diferentes que serviram como locações, bem como todas as etnias que serviram excelentes de coadjuvantes nas produções. E foi assim que nasceu a "Meca do Cinema" como fora chamada, e com o passar do tempo Hollywood se transformou no mais importante polo da indústria cinematográfica do planeta. Enxergando o cinema como um negócio de grandes retornos financeiros, foram fundados outros estúdios de grande importância até os dias atuais como; Fox, Paramount e Universal, nesta época. Os mesmos eram controlados por judeus, Daryl Zanuck, Samuel Goldwyn, Samuel Bronston e outros.

Competiam entre si em alguns momentos, e para que houvesse uma competição mais ajustada juntaram empresas, e foi assim que nasceu a 20th Century Fox, da outrora Fox, e a Metro Meyer, que se deu através de uma união de Louis Meyer com os estúdios de Samuel Goldwyn. Após os estúdios se estabelecerem surgiram os diretores e atores, a partir disso se iniciou a era star system que nada mais é do que um sistema grande de promoção de estrelas cinematográficas e com isso, a promoção das ideologias e pensamentos hollywoodianos. Foi nesta mesma época que a comédia começou a se destacar com Buster Keaton e Charlie Chaplin, os romances de Clara Bow e aventuras de Douglas Fairbanks. A partir daí a indústria só foi crescendo e se especializando cada vez com altos investimentos no ramo cinematográfico, no que diz respeito aos

² David Llewelyn Wark Griffith – diretor de cinema estadunidense. (1875-1948)

equipamentos e até mesmo na ousadia dos roteiros elaborados por grandes diretores, na intenção de prender cada vez mais seus telespectadores.

Segundo Sabino Hake (2002), Adolf Hitler reconheceu o cinema, em seu potencial de veiculação das ideologias políticas para poder passar a mensagem do nazismo e “prender” a atenção da população, logo, a utilização do cinema como ferramenta de Soft Power, desde o início de sua carreira política, utilizando assim como forma de angariar as massas. Em 1933 ele criou o Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda (Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda) onde nomeou, Joseph Goebles como Ministro. Um dos departamentos deste ministério acompanhava todo o processo de produção cinematográfica na Alemanha, podendo assim, propor ideias e dar opiniões, até em recusar projetos que eram indesejáveis para o governo, agindo assim como censorador. Logo toda e qualquer pessoa que quisesse ingressar no mundo cinematográfico deveria se filiar a Reichsfilmkammer, isto claro excluindo os judeus e os estrangeiros, logo já introduzindo a ideologia nazista no setor. Os três diretores mais importantes desta época era evidentemente que Leni Riefenstahl, Willi Forst e Veit Harlan. Na Alemanha a maior indústria cinematográfica era a UFA, sigla da Universum Film Aktien Gesellschaft, ou também Universum Film AG.

Segundo as constatações de Klaus Kreimeier (1996), a Ufa foi inaugurada em 1926, também algumas produtoras como a Tobis, Terra, Prag e Bavaria. Em 1933, quando os nazistas assumiram o poder na Alemanha havia aproximadamente, cinco mil e setenta e um (5.071) cinemas espalhados por toda Alemanha e duzentos e quarenta e cinco (245) milhões de espectadores, sendo que no início da Segunda Guerra Mundial este número aumentou consideravelmente, indo o número de cinemas para seis mil novecentos e vinte e três (6.923) e o número de espectadores foi para seiscentos e vinte e quatro milhões, e em 1943 o número de espectadores foi para um mil cento e dezesseis milhões (1.116). Somente por parte da UFA tinha pelo menos cento e cinquenta e nove (159) cinemas em sessenta e nove (69) cidades.

Kreimeier (1996), informa em sua redação que no Brasil no ano de 1926 foi inaugurado o Colyseu Paulista, um cinema consideravelmente grande localizado no largo do Arouche na Av. Duque de Caxias em São Paulo grande Capital, inclusive foi

o primeiro a ostentar o logo da empresa germânica UFA em todo o mundo. O Ufa-Palácio, foi inaugurado na Av. São João com capacidade de três mil cento e trinta e nove (3.139) lugares e foi o maior exibidor do cinema alemão, fato importante e histórico em nosso país.

3. A Cultura Cinematográfica e Relações Internacionais

Com o breve histórico do cinema apresentado conseguimos conectar melhor esta indústria tão poderosa com os assuntos de Relações Internacionais, lembrando que podemos considerar o mesmo já um assunto internacional muito bem acentuado, no que diz respeito aos interesses de posse do cinematografo e também das competições das grandes industrias com um jogo de interesses para com a ferramenta. Porém, os assuntos políticos surgiram desde antes do estabelecimento concreto e glorificação das tais industrias.

Até porque como retratado neste, vemos que é de interesse político a posse dessa ferramenta desde seus primórdios, uma vez que foi identificada a capacidade da utilização do Soft Power pelo mesmo como também fora retratado segundo análise de Robert O. Keohane (1989).

Porém para que entendamos o passado, podemos exemplificar contextualizando no mundo atual esse acontecimento de detenção de poder através da ferramenta que é o cinema e do tanto que reflete no comportamento da sociedade atual. Vejamos então sobre o cinema, utilizando como ferramenta de análise a teoria de Soft Power o caso de Bollywood, indústria cinematográfica da Índia de grande relevância no seu país.

Segundo as pesquisas realizadas por Stephen Alter (2007), o nome é uma fusão de nomes, sendo Bombaim, cidade onde se estabeleceu essa indústria e Hollywood, indústria norte americana. A partir disso podemos analisar o quanto Hollywood é influente no Mundo, que os países se fazem de referência para si próprios, se apropriando de suas ideologias e até mesmo o próprio nome. Logo, podemos dizer que por mais conflitos que hajam entre Índia e E.U.A., ainda estão conectados por essa ferramenta sublime que é o cinema, o que de certa forma se torna um agente conector entre as nações e até promove a resolução de conflitos, isto claro, quando é utilizado nestas intenções.

Nas pesquisas de Alter (2007) se constatou que os filmes de produção de Bollywood são populares de uma forma particular nos países do território da ex União Soviética. Parte disso deveu-se aos filmes Hollywoodianos e também de outras nações ocidentais serem banidos pelo governo soviético. Logo, já que não

havia outros tipos de entretenimento de baixo custo os soviéticos deram permissão para entrada das produções de Bollywood que eram supostamente não tinham teores controversos ou de cunho político. Vale ressaltar também que quando a União Soviética estava se recuperando da Segunda Guerra Mundial, a Índia também estava se recuperando do grande prejuízo que foi a partição e ainda da libertação do jugo colonial, logo, se pensava que os filmes indianos seriam uma boa forma de trazer esperança às massas.

As produções foram dubladas na língua russa e foram exibidos nos cinemas espalhados por toda a União Soviética. Logo após o colapso do sistema soviético na distribuição de filmes, Hollywood retornou e ocupou o hiato deixado no ramo cinematográfico russo. Isto prejudicou Bollywood, que perde nesta época sua quota de mercado para a indústria cinematográfica norte-americana. Porém, se inicia um interesse em Bollywood por parte dos jovens russos. Com isso podemos ver que a política das Relações Internacionais é muito presente no meio cinematográfico.

Com isso podemos analisar que sempre houve uma ligação entre o cinema e as políticas internacionais, muitas das vezes ligadas a economia, uma vez em que o cinema é identificado como parte do mercado e de grande valia nos lucros internacionais. Todos os países atualmente têm essa ferramenta em mãos, independente se é para comercializar filmes importando ou exportando rolos, ou até mesmo para utilização do próprio governo em suas propagandas como temos relatos na Coreia do Norte. Este fato muitas vezes passa despercebido, pois como já foi levantado neste trabalho o cinema passa como apenas um fator de entretenimento para muitos, se esquecendo de sua utilização mercadológica e política. Vale esclarecer também que não há uma forma fixa de se utilizar o cinema, até por que esta ferramenta não está mais sob uma patente única o que através de multiculturalização no mundo, a mesma é utilizada de acordo com cada Nação.

Segundo o próprio site oficial da produtora e também Stephen Alter (2004), Bollywood vem experimentando um crescimento considerável no mercado norte-americano e particularmente em algumas comunidades do Sul da Ásia. Uma das maiores produtoras e distribuidoras do mercado cinematográfico em Bollywood, a Yash Raj Films, informou em setembro de 2005 que as produções de Bollywood nos

Estados Unidos da América rendem aproximadamente 100 milhões anualmente através de exibições nas telas de cinema, também nas vendas de DVDs e das trilhas sonoras, muito famosas inclusive. Parafraseando, os filmes de produção indiana atualmente são considerados os filmes de origem estrangeira mais lucrativos nos E.U.A. Sendo que as gravações já têm até como cenários principais cidades como New York, Los Angeles, Vancouver e Toronto.

Na análise de Alter (2004), identificou que sendo então mais lucrativo no território norte-americano, percebemos o jogo de poder a ser utilizado, onde podemos citar a teoria Hard Power que demonstra a capacidade de um determinado Estado, ou corpo político, de exercer ou influenciar o poder de outro, isso se utilizando de recursos não apenas militares, com armamentos, mas também econômicos. Os Estados Unidos da América sendo o maior importador de mercadorias no cenário internacional, o faz ter o domínio econômico, além de deter dos recursos tecnológicos mais avançados para um monitoramento dos outros governos de Estado, tendo em mãos também o domínio político. Logo, indiretamente o mercado que era para ser externo e adverso aos E.U.A levando em conta a cultura do ocidente e suas novas formas de linguagem cinematográfica, se torna parte do território norte-americano, dando então o controle de Bollywood para quem já tinha muita visibilidade no mercado.

Segundo site oficial da indústria, no Reino Unido, Bollywood têm seus resultados significativos também. Logo podemos ver Londres sendo utilizado como cenário de filmes, por exemplo, Bhagam Bahg. Vale lembrar que o berço do cinema está na Europa, o que faz que esta ferramenta volte para ser lar de origem com um formato totalmente diferente do qual foi criado. Sob essa análise realizada que agora podemos voltar ao passado e identificar esse jogo político com mais facilidade, e aproveitando o território Europeu podemos citar a Alemanha como uma das mais eficazes no quesito, cinema, relações internacionais e a teoria Soft Power como relatado no tópico anterior.

4. O Nacional Socialismo – Abordagem Política e Histórica dentro das Relações Internacionais

Para entendermos a imagem da Alemanha no mundo, e como os Jogos de 1936 possibilitaram a reversão deste quadro, temos que apresentar um pequeno quadro histórico do surgimento e ascensão do Nazismo e as consequências disso dentro do cenário internacional

Antes, porém, de apresentarmos a origem do Nazismo é necessário uma pequena introdução sobre as consequências da derrota alemã na Primeira Grande Guerra e as imposições infringidas sobre a Alemanha pelo chamado Tratado de Versalhes.

Segundo Fest (1991), ao ser derrotado na 1ª Guerra, o Reich Alemão assinou, em 1919, um acordo, conhecido como "O Tratado de Versalhes". Este tratado internacional foi firmado com os países vitoriosos (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e outros países aliados), os quais exigiram o pagamento de reparações econômicas, militares e territoriais aos países atacados pela Alemanha. As imposições do tratado foram excessivas: a oeste, a Alemanha devolveu a região da Alsácia-Lorena à França, pois aquela área havia sido tomada dos franceses pelos alemães cerca de 40 anos antes. Ao mesmo tempo, a Bélgica recebeu as cidades de Eupen e Malmedy; a região industrial de Sarre foi mantida sob a administração da Liga das Nações por 15 anos. Ao norte, a Dinamarca recebeu a região norte de Schleswig e, por fim, a região alemã da Renânia foi desmilitarizada, ou seja, não ficou nenhum soldado ou instalação militar na região.

A leste, a Polônia recebeu partes da Prússia Ocidental e da Silésia; a Tchecoslováquia recebeu o distrito de Hultschin. Ao norte oriental, a grande cidade alemã de Danzig passou a ser uma cidade livre, sob a proteção da Liga das Nações, sendo que Memel, uma pequena faixa territorial na Prússia Oriental, às margens do Mar Báltico, foi entregue ao controle lituano.

Além de todas as perdas na Europa, no exterior, a Alemanha perdeu todas as suas colônias (na África e no Pacífico). Assim, no total, o antigo Reich alemão perdeu 13 por cento do seu território em solo europeu, aproximadamente 70.000

quilômetros quadrados, e um décimo de sua população (entre 6.5 a 7 milhões de habitantes).

Todo o repúdio da derrota na guerra e revolta contra estas imposições colaborarão para o surgimento de partidos de direito que exigiam a revisão do Tratado e buscavam a retomada de um sentimento pátrio que resgatasse a dignidade e o orgulho daquele país. Estava aberto o caminho para o surgimento de um movimento que traria destruição e uma política de extermínio nunca antes vista na história: o Partido Nacional Socialista, mais conhecido como movimento “Nazista”.

Ainda de acordo com o estudo de Fest (1991), o Partido dos Trabalhadores Alemães (Deutsche Arbeiter Partei), foi fundado em 5 de janeiro de 1919, em Munique na Baviera Alemã, pelo jornalista Karl Harrer. Naquele ano, ingressa ao partido o ex-cabo da Primeira Guerra, o austríaco Adolf Hitler, como o sétimo membro do partido. Foi somente por meio de Hitler que o grupo político se desenvolveu de absoluta insignificância em um movimento poderoso, assumindo oficialmente a presidência em 29 de julho de 1921.

O Partido Nacional Socialista inspirava-se, diretamente, nas ideias do recém-criado Partido Fascista Italiano:

Escrito por Giovanni Gentile o texto Doutrina do Fascismo, foi atribuído oficialmente a Mussolini. Nele, Georges Sorel, Charles Peguy e Hubert Lagardelle são invocados como as fontes do fascismo. Sorel e Peguy influenciados por Henri Bergson, Lagardelle influenciado por Proudhon. Os temas e ideias desenvolvidos pelo Papa Leão XIII na sua encíclica de 1891 Rerum Novarum², e por Gabriele D’Annunzio na sua Constituição de Fiume, podem ser também encontrados na ideologia do fascismo tal como ela foi desenvolvida por Mussolini. Fundado em 1919, como uma associação nacionalista - o *Fasci di Combattimento* -, o movimento fascista de Mussolini converte-se num partido nacional (o Partito Nazionale Fascista). Sob a ameaça de uma “Marcha sobre Roma” em outubro de 1922, Mussolini obriga o rei Vítor Manuel III a nomeá-lo Chefe do Executivo. O fascismo fica, desde 1925, implantado na Itália. (CARVALHO, 2007, p. 5)

Em 24 de fevereiro de 1920 Adolf Hitler apareceu em público pela primeira vez durante uma manifestação no salão de baile da cervejaria Hofbräuhaus em

Munique, onde desenvolveu os 25 pontos e objetivos do movimento agora chamado NSDAP – *NATIONALSOZIALISTISCHE DEUTSCHE ARBEITER PARTEI* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães). Fest (1991) lembra que, no começo, a cidade de Munique foi desenvolvida em uma base forte, sendo chamada de *Hauptstadt der Bewegung*, ou, a “Capital do Movimento”; Só lentamente o NSDAP ganhou posição em toda a Baviera, depois no centro e no norte da Alemanha.

Segundo Fest (1991), entre 8 e 9 de novembro de 1923, Hitler assumiu o cargo de líder da Federação Alemã de Forças Paramilitares, grupo que uniu os grupos de antigos combatentes da Primeira Guerra. Assim, naquele dia, o NSDAP e os grupos *Oberland* e *Reichskriegsflagge* tentaram iniciar um Golpe de Estado a partir de Munique para tomar o poder na Alemanha. No dia nove (9), juntamente com o grande líder e herói da I Guerra, o General Ludendorff, o movimento tentou a subversão do Governo da Baviera. O golpe falhou, 16 nacional-socialistas morreram e o partido foi - juntamente com o Partido Comunista (KPD) e o Partido Popular Alemão – proibidos e extintos.



Imagem nº 1: Ao lado do General Ludendorff, Hitler e outros golpistas antes do julgamento de 1923.

O Ministro da Guerra da Alemanha, o General Hans von Seeckt, confiscou todo o patrimônio do partido, fechou o escritório em Munique e condenou Hitler à prisão. Nesta prisão, que durou apenas alguns meses, Hitler escreverá a “Bíblia do Nazismo”, o *Mein Kampf* (Minha Luta)³

Este duro golpe levou o NSDAP, agora proibido, por ocasião das eleições do *Reichstag* (o Parlamento Alemão) de 1924, desenvolver alianças eleitorais com o *Deutschvolkische Freiheitspartei*, o Partido Libertário Popular Alemão.

Com sua libertação, lembra Fest (1991), já dezembro de 1924, Adolf Hitler dissolveu a aliança partidária e começou a reorganização do partido como líder supremo, com o objetivo de uma tomada do governo da Alemanha de uma forma legal, através do povo e das urnas:

Após a proibição temporária do NSDAP, a organização e estrutura do partido foi reconstruída e, já em fevereiro de 1925, Adolf Hitler faz um discurso lendário na cervejaria *Bürgerbräukeller*. No período até as eleições do *Reichstag* em 1928, o NSDAP foi apenas um dos vários partidos nacionalistas antissemitas, mas mostrou sua posição excepcional no desenvolvimento de ações políticas, aguardando as eleições daquele ano. (FEST,1991),

Em 1929, através da agitação conjunta com o Partido Popular alemão e os combatentes do *Stahlhelm* (Capacetes de Aço), o partido ganhou atenção generalizada como parte da campanha contra o Plano Econômico de Desenvolvimento da Alemanha, que tentava tirar o país da crise de 29.

Vários jornais populares da imprensa alemã, liderados por Alfred Hugenberg, divulgaram e fizeram o NSDAP, especialmente Adolf Hitler, conhecido em todo o Reich, embora a própria campanha tenha falhado em dezembro de 1929 com apenas 15% de aprovação.

³ HITLER, Adolf, A Minha Luta, S. Paulo, 1983

Estas agitações e campanhas eleitorais foram financiadas por grandes doações financeiras de empresários e indústrias alemãs, que já apoiavam partidos de direita contra o avanço comunista (grandes corporações e industriais como Fritz Thyssen e Emil Kirdorf).

Nas eleições do *Reichstag* de 14 de setembro de 1930, o NSDAP, com apenas 18,3% dos votos, era o segundo partido mais forte atrás do SPD (o Partido Social Democrata). Carvalho (2007) lembra apesar da participação dos partidos de direito no governo, ainda era percebida como uma oposição aos extremismos de direita na República de Weimar.⁴

Em outubro de 1931, por insistência de Hitler e Alfred Hugenberg, o NSDAP e o Partido Nacional Popular, juntamente com outras associações nacionalistas, e cria a *Frente de Harzburg*, como fortes opositores da República de Weimar. O movimento e o partido ganham força e poder.



Imagem nº 2: O Partido Nazista domina o Parlamento Alemão e toma o poder.

⁴ As exigências do *Reich*, o Império Alemão, transfigurado ainda nostalgicamente nas elites da economia (a Associação Industrial Alemã), nos militares (que exigiam o rearmamento da Alemanha proibido pelo Tratado de Versalhes) e nos funcionários públicos e juizes (que lhes assegurava suas posições em um forte estado nacional e autoritário), exigiam a eliminação do "estado sindical" e, portanto, buscavam a renovação da República Democrática de Weimar (Nota do Autor)

Em 1932 o Presidente Paul von Hindenburg (antigo Marechal combatente e comandante do Exército Imperial na Primeira Guerra) alcançou sua reeleição como presidente do Reich, em um segundo turno conturbado contra o candidato Adolf Hitler. Segundo Jackel (1984) nas eleições estaduais de vários estados imperiais, como a Prússia, Baviera, Württemberg, o partido alcançou um sucesso significativo, sendo que nas eleições do *Reichstag* em 31 de julho 1932, já era o maior partido no Parlamento Alemão.

Embora o partido tenha passado por uma grande crise em 1932, que culminou com os fracassos das eleições do *Reichstag* em 6 novembro, o movimento conseguia se recuperar. A reviravolta acontece nas eleições estaduais em janeiro de 1933, quando o NSDAP já tinha 850 mil membros. Segundo Kershaw (1985) os sucessos eleitorais ocorriam devido à mobilização bem-sucedida de não eleitores, que já não confiavam nos antigos partidos democratas e governantes para superar a crise econômica global.

O presidente do Reich Hindenburg tinha uma profunda aversão pessoal ao "cabo boêmio" Hitler, o qual não estava disposto a se contentar com nada menos que o cargo de Chanceler do Reich. Assim, conforme Kershaw (1985), Hindenburg entrega o poder a Franz von Papen e Kurt von Schleicher, que formaram gabinetes presidenciais.

A crescente pressão dos círculos industriais e militares, mas sobretudo das fileiras de setores da agricultura nacional, acrescido de uma rápida desestabilização da República de Weimar, levam o Presidente Hindenburg a nomear Hitler como chanceler. Assim, em 30 de janeiro de 1933, Hitler assume o cargo de Reichskanzler – Chanceler do Reich Alemão.

Nas novas eleições do *Reichstag* em 5 de março, o NSDAP recebeu 288 lugares e, rapidamente, a revolução nacional-socialista estava em todo o Reich Alemão para uma vitória completa e assustadora. O próprio NSDAP foi declarado por lei como a única organização política do povo alemão, no dia 1 de dezembro de 1933, tornando o estado alemão parte de sua corporação e jurisdição política (a bandeira tricolor do Reich foi substituída pela bandeira com a cruz suástica nazista).

De acordo com o princípio do líder (*Führer*), Hitler assume a responsabilidade pelo partido e pelo estado.

Como lembra O líder foi representado por Rudolf Hess como vice-líder (nomeado em 27 de abril de 1933). O Fiihrer, o deputado do Fiihrer e o 18 Reichsleiter formaram o Reichsleitung do NSDAP, que tinha seu lugar em Munique.

A estrutura territorial do NSDAP dentro do Reich alemão foi dividida primeiro em estados chamados de *Gaue*, com governadores militares nazistas chamados de *Gauleiter*. Estes foram subdivididos em círculos chamados de *Kreisleitung* , ao qual, por sua vez, os respectivos círculos municipais chamados de *Ortsgruppen*.

Segundo Bradley (1990), com todo o poder proporcionado pela chefia suprema das forças armadas do Reich⁵, derivado da fusão do cargo de Chanceler com o de Presidente, em 1934, Hitler conseguiu expressar o negativismo do mundo originado na Primeira Guerra, ao ponto de Robert Alexander Clarke, historiador inglês, afirmar que “o conceito que a humanidade tinha de si nunca mais voltará a ser o mesmo” (JORDAN; WIEST, 2008, p. 95).

Começava na Alemanha um governo que, a partir de suas fortes ações e manifestações antissemitas, mudava a imagem do povo alemão no mundo. No cenário mundial, isso terá consequências terríveis para a imagem da Alemanha dentro das Relações Internacionais. Isso por que as nações lutavam por uma igualdade entre as raças, por mais fraca que fosse a fundamentação ideológica ou a forma de apresentar isso perante as demais nações. Devemos citar também as relações comerciais mais estreitas nas negociações bilaterais de importação e exportação, que trazida uma conectividade até de imagem dos países e um zelo em não ficarem prejudicados diante as outras oportunidades de comercio. Logo, com a escandalosa e estampada propaganda do antissemitismo e xenofobia por parte da Alemanha em seu governo nazista, logo as nações entenderam que não se tratava apenas de um protecionismo de cautela dos governantes, mas era uma forma agressiva e por muitas vezes cruel de se tratar as diferenças. Claro que com tudo isso ocorrendo seria necessário uma política que fizesse as nações e os patriotas verem apenas o que seria de agrado ao Hitler.

⁵ Que acontece após a morte do Presidente Paul von Hindenburg, em 1934 (Nota do autor)

4.1 A Ideologia Nazista e a Política Externa

A superação do isolamento político foi, inicialmente, o grande objetivo e principal objetivo da política externa nacional-socialista. Segundo estudo de Conze et.al (2007)⁶ a continuidade do trabalho diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, após a tomada do poder pelos nacional-socialistas em 1933, deveria dar a impressão de que o regime nazista se encaixava no moderno papel das potências europeias. Na verdade, a política externa alemã em movimento visada colocar Adolf Hitler como um poderoso líder que exigia a completa revisão do Tratado de Versalhes, exigência também da maioria dos alemães. Hitler busca, assim, a supremacia alemã na Europa e procura, com a recuperação econômica do país, estabelecer a Alemanha como uma potência mundial.



Imagem nº 3: Os judeus americanos começaram a pressionar os políticos e as organizações dos EUA para se juntar ao boicote contra a Alemanha Nazista em 1933.

⁶ Este importante estudo em alemão, intitulado *As Relações Exteriores e o Passado: Diplomatas Alemães no Terceiro Reich e na República Federal* (do título original: ***Das Amt und die Vergangenheit. Deutsche Diplomaten im dritten reich und in der Bundesrepublik***) permanece como importante referência sobre a política externa alemã no período. (Nota do autor)

Por mais absurdo que possa parecer, enquanto o Reich alemão propagava publicamente a paz, pretendia ser militarmente renovado e ser economicamente autossuficiente para uma guerra planejada. O sucesso da política externa fortaleceria a autoconfiança nacional dos alemães e aumentaria a popularidade de Hitler.

Neste sentido, já em 3 de fevereiro de 1933, Hitler fez um discurso secreto aos oficiais do estado-maior da *Reichswehr* (o Exército Nacional), exigindo que o Reich alemão conquistasse o novo *Lebensraum*, ou seja, um novo *Espaço Vital* que reconquistasse todos os territórios perdidos na Primeira Grande Guerra. Por esta razão, a rápida atualização e recuperação da força militar da Alemanha deveria ser maior prioridade do país.

A fim de tranquilizar os países estrangeiros, que ficaram assustados com a tomada de poder nazista, o ministro das Relações Exteriores de Hitler e Reich Konstantin Freiherr von Neurath, reivindicava publicamente junto à Liga das Nações um direito à autodeterminação para a Alemanha, subordinada até então às penas e exigências do Tratado de Versalhes.



Imagem nº 4: O Ministro das Relações Exteriores da Alemanha (1932-1938),
Konstantin Freiherr von Neurath

Para isso, segundo Conze et.al (2007) os países estrangeiros poderiam esperar uma Alemanha compassiva e colaboradora no cenário internacional, especialmente junto à Grã-Bretanha, com a qual Hitler buscava uma aliança próxima. Na verdade a ambição era a "divisão do mundo entre a Alemanha como uma potência continental dominante e a Grã-Bretanha como um poder naval líder".⁷

Mesmo tentando evitar um iminente isolamento após a conquista do poder, os passos da política externa sempre foram acompanhados por protestos internacionais e boicotes contra a Alemanha de Hitler, mesmo com seu discurso vazio

⁷ Op. Cit, p.35.

proclamando a paz⁸. Neste sentido, na política externa, tratados bilaterais deveriam ser firmados para criar confiança na política exterior.

Desta forma, em 5 de maio de 1933, a Alemanha ratifica a extensão do Tratado de Berlim assinado em 1926 com a União Soviética. No mesmo ano, é assinada uma importante Concordata entre o Reich alemão e o Vaticano em 20 de julho de 1933. Este importante tratado, firmado pelo então representante do papado na Alemanha, Cardeal Eugenio Pacelli (futuro Papa Pio XII) foi usada pelo estado nazista para ocultar sua hostilidade à igreja.



Imagem nº 5: A Reichskonkordat (em português Concordata com o Reich) é a concordata que estabelece os direitos sobre a liberdade religiosa católica entre a Santa Sé e a Alemanha. O acordo foi assinado em 20 de julho de 1933 pelo Cardeal Eugenio Pacelli e Franz von Papen em nome do Papa Pio XI e do presidente Paul von Hindenburg, respectivamente, sendo válido atualmente na Alemanha.

Por outro lado, na política exterior alemã, uma lenta investida sobre os territórios da Polônia, iniciada pelo regime nazista por razões táticas (e não por razões políticas ou econômicas) em maio de 1933, marca a partida para a conquista do oriente, a chamada *Ostpolitik* alemã. Para tanto, um pacto germano-polonês de

⁸ Ibid, p. 36

não agressão é firmado em 26 de janeiro de 1934, marcando a ruptura radical com a política revisionista contra a Polônia desde 1919. Ao mesmo tempo, o acordo que foi observado com espanto na população de ambos os estados e o encerramento mútuo da propaganda da imprensa também caracterizaram uma radical mudança de curso na política externa polonesa.⁹ A política de distensão defendida em Varsóvia, sobretudo pelo ministro das Relações Exteriores, Jozef Beck (1894-1944), reavivaria de forma significativa os contatos econômicos e culturais germano-poloneses.

Enquanto a União Soviética comunista se junta à Liga das Nações para superar o isolamento da política externa em setembro de 1934, a Alemanha Nacional-Socialista tomou o passo oposto apenas um ano antes: com a retirada da Alemanha da Liga das Nações em outubro de 1933, culminando com o fim das restrições e controles internacionais sobre as armas e possibilitando uma política de rearmamento acelerado. Desta forma, a reintrodução do serviço geral militar obrigatório, em 16 de março de 1935, possibilita ao Reich alemão abolir todas as disposições militares do Tratado de Versalhes.

Após estas medidas, Grã-Bretanha, a França e a Itália reagem a esta violação unilateral do tratado com uma condenação conjunta e a formação da chamada coalisão, que rompeu novamente, em 18 de junho de 1935, com a assinatura do acordo naval teuto-britânico.

Apesar de favorecer acordos multilaterais, o Reino Unido assinou o tratado bilateral com a Alemanha para evitar uma corrida armamentista, como ocorreu antes da Primeira Guerra Mundial. Hitler e seu representante especial, Joachim von Ribbentrop, reconheceram no acordo naval, no entanto, a primeira etapa de uma aliança alemã-britânica desejada e abrangente.

⁹ Até mesmo a imprensa alemã foi instruída para não denunciar a opressão da minoria alemã na Polônia, muito comum após a Primeira Guerra Mundial (Conze et.al, 2007, p. 41)

AUSWÄRTIGES AMT

17 7475 / 8475
Berlin, den 19. Oktober 1933.

Herr Generalsekretär !

Namens der Deutschen Regierung beehre ich mich Ihnen mitzuteilen, dass Deutschland hiermit seinen Austritt aus dem Völkerbund gemäss Artikel 1 Absatz 3 der Satzung erklärt.

Genehmigen Sie, Herr Generalsekretär, den Ausdruck meiner ausgezeichnetsten Hochachtung.

Konstantin Freiherr von Neurath

An

den Generalsekretär des Völkerbundes

Herrn Joseph A. A v e n o l

G e n f.

Imagem nº 6: Em outubro de 1933, nove meses após Adolf Hitler ser indicado chanceler da Alemanha, o governo alemão anunciou sua saída da Liga das Nações. A razão alegada foi a recusa das potências ocidentais em aquiescer às demandas da Alemanha por paridade militar. Com esta carta brusca, datada de 19 de outubro de 1933, o ministro das relações exteriores Konstantin Freiherr von Neurath informou ao secretário-geral da Liga das Nações, Joseph Avenol, da saída da Alemanha. A retirada alemã da organização internacional foi seguida de uma acumulação de poderio militar intensa (realizada em violação aos acordos internacionais); da renúncia ao Pacto de Locarno (1936)

Outro sucesso para política externa de Hitler foi o plebiscito sobre o território do Saare, em janeiro de 1935, com a aprovação esmagadora da população da província para retornar ao Reich. No entanto, quando a tentativa de Hitler de uma estreita aliança com a Grã-Bretanha continuou sem sucesso, ele viu que ele poderia ter que alcançar seus objetivos de política externa contra interesses britânicos. Em vez disso, o procurado em 1933, os vínculos intensivos com a Itália fascista foram coroados de sucesso. Após um período de aproximação germano-italiana e intervenção conjunta na Guerra Civil Espanhola contra o "perigo bolchevique" na Europa, o "Eixo-Berlim-Roma" foi proclamado em novembro de 1936. No mesmo mês, o Reich alemão e o Japão concluíram o Pacto Anti-Comintern contra a União Soviética.

Os bem-sucedidos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, em Berlim, também aumentaram a popularidade de Hitler no Reich, mas também no exterior.

Após a consolidação do regime nazista, Hitler - como a ocupação da Renânia desmilitarizada em março de 1936 - intensificou o confronto da política externa e ameaçou cada vez mais com sua força militar. Isso desgastou a imagem alemã no exterior. Porém, os planos expansionistas e bélicos não cessaram.

Os Jogos Olímpicos de 1936 poderiam mudar a imagem alemã no mundo. Desta forma, como veremos a seguir, a Olimpíada na Alemanha ficaria marcada pelo arrefecimento do caráter nacionalista inerente às disputas esportivas (cf. HOBBSAWM, 2004, p. 171) e pelos inúmeros pequenos acréscimos ritualísticos, como o revezamento da tocha, a criação de um sino e o depósito da bandeira olímpica em um cofre na cidade-sede e esta festa dedicada à juventude poderia mudar a imagem alemã. Seria necessária uma grande cineasta para conduzir tal empreendimento: Leni Riefensthal.

4.2 Leni Riefensthal

Segundo Rainer Rother¹⁰, Helene Bertha Amalie Leni Riefenstahl foi uma cineasta Alemã na era Nazista, nasceu na cidade de Berlim em 22 de Agosto de 1902 e faleceu em Pocking na data de 8 de setembro de 2003. Leni se dedicou ao cinema através de uma oportunidade muito boa em sua carreira, algumas fontes alegam que ela apresentou seus serviços ao próprio Hitler em pessoa após um comício que o mesmo realizara, outros alegam que a mesma foi procurada pelo Führer após o mesmo assistir um de seus trabalhos, solicitou então que ela filmasse a convenção do partido que ocorria anualmente e seria sediada em Nurembergue. Os relatos dizem também que a mesma se recusou oferecendo os trabalhos de outro cineasta, porém repensou a proposta e aceitou, surgindo assim o documentário chamado “Triunfo da Vontade”. Nas palavras de Rother,

Estou convencido de que a função política dos filmes de propaganda do partido nazista e também de Olympia seja inseparável da estética específica, e em termos de documentário, inovadora, de Riefenstahl. Com recursos financeiros incomensuráveis e no comando de diversas equipes de filmagem, a diretora desenvolveu uma nova forma de documentário: não uma reportagem sobre um acontecimento, mas sim uma equivalência cinematográfica do mesmo. Esses filmes têm, em parte, funções distintas: Olympia apresenta uma “nova Alemanha” pretensamente cosmopolita e eficiente, enquanto os filmes das convenções do partido nazista glorificam Adolf Hitler e criam uma definição ideal de sua imagem. Isso inclui a relação com seus seguidores, ancorada na submissão. Riefenstahl foi a cineasta mais inovadora do regime nazista. Sendo assim, o dever é entender os aspectos políticos e estéticos de sua obra como uma coisa só. Pode-se dizer que a artista Leni Riefenstahl criou o que a pessoa Leni Riefenstahl sempre negou depois de 1945. Rainer Rother (2000).

Após o grande feito em “Triumph des Willens” nome original em alemão, Leni foi indicada para que filmasse outro grande evento que marcaria seu nome no mundo todo, então surgiu o filme “Olympia”, que teve duas partes, sendo a primeira em análise neste trabalho intitulada “Ídolos do Estádio” (br) e a segunda parte “Vencedores Olímpicos” (br). Os relatos históricos nos contam que após a Segunda

¹⁰ Leni Riefenstahl. Die Verführung des Talents Gebundene Ausgabe – 2000

Guerra Mundial Leni fora presa pela acusação de utilizar prisioneiros como escravos no seu set de gravação, a mesma teve uma sentença de quatro anos reclusa, porém essa acusação nunca foi comprovada em tribunal.

Sem comprovação do litígio e sem uma boa fundamentação, não avia como coligar a imagem de Leni a uma colaboração aos nazistas, logo, foi considerada apenas uma simpatizante, embora nunca negar seu fascínio para com os mesmos. Após estes fatos ocorridos, Riefenstahl tentou realizar outras produções, porém sempre era boicotada pela resistência, já que não negava sua grande admiração com a era nazista e suas políticas, logo após um tempo se tornou fotografa, e veio a falecer dormindo aos cem anos, sendo considerada uma das figuras mais famosas da era nazista a morrer por ultimo. Nas palavras de Rother em seu livro,

De início, a imagem propagada pela própria Riefenstahl de sua suposta distância do regime nazista foi corrigida não apenas pelos diários de Goebbels, mas também por referências a seus encontros com políticos nazistas como Julius Streicher – dando provas de seu contato comparavelmente estreito com os novos donos do poder de então. Ela aparece como beneficiária da ditadura nazista, que deveria receber de presente até mesmo um ateliê próprio financiado por recursos do Estado. Outra coisa que ficou clara foi que a postura defensiva de Riefenstahl depois de 1945, em prol de um desencargo a qualquer preço, tinha algo em comum com a atitude da opinião pública em geral. Era também demasiado fácil usá-la como figura de proa, sobre a qual podia ser exercitada crítica pelos donos da verdade. Por trás das críticas a Riefenstahl escondia-se muitas vezes o presumido desencargo de todos os colaboradores e beneficiários do regime menos famosos do que ela própria. Rainer Rother (2000).

Com as declarações acima inscritas no livro de Rother, podemos então identificar a relação íntima de Leni com o governo então Nazista, claro que isso não desmerece seu trabalho em questão cinematográfica, até porque seu trabalho foi reconhecido mundialmente, tanto pela sua estética quanto pela sua propagação. Como vemos até o dia de hoje, ela usou de artifícios que a beneficiaria para a continuação de seu trabalho, garantindo-lhe um espaço para trabalhar e o apoio na divulgação de suas produções. É claro que isso pode ter sido sua única opção, sendo alemã, para que seu trabalho fosse mantido, o que nos leva a imaginar sua

situação perante o país, e não podemos ignorar o fato de que a realidade nazista era contemporânea a sua época e logo dependia do governo para se sustentar. Essa ideia de dependência do governo para divulgar seu trabalho não é diferente o que vivemos hoje, uma vez em que somos confrontados com essa realidade em quase todos os segmentos da economia em nossa sociedade, onde há uma dependência do governo para que possamos ter um financiamento, tanto da cultura auxiliando a sociedade neste aspecto, quanto nos nossos objetivos e a necessidade de nos manter, uma vez em que a arte também se torna algo comerciável e rentável, tudo isso levando em conta a dedicação de Riefentahl e todo seu estudo para que colocasse em pratica o seu trabalho.



Imagem nº 7: Aldolf Hitler à esquerda acompanhado de Leni Riefenstahl à direita.

Na imagem acima podemos perceber o olhar de admiração por parte de Leni, e uma certa formalidade sendo afirmada neste momento, como se Riefenstahl realmente tivesse uma ligação muito forte com o Führer e todo o governo como já

dito acima sobre algumas correntes teóricas sobre a vida dela. Como dito também sendo uma necessidade de sua realidade fática, Leni aproveitou a admiração do povo e do próprio governo para que pudesse estabelecer seu nome diante de tantos acontecimentos. Este fato também nos leva a refletir sobre a questão de Leni ser uma mulher nesta época e muito requisitada, fora isso também seu campo, o cinema, era algo restrito aos homens, como a maioria dos trabalhos nesta época, onde o desempenho dependia de esforço físico e uma habilidade e soma de conhecimentos, o que nos faz refletir sobre a grandeza do trabalho de Leni que só parou de trabalhar devido a sua morte.

Temos relatos em vídeo onde é mostrado o vigor e a vontade de trabalhar cada vez mais quando Leni já tinha uma idade avançada, quase cento e um anos, neste vídeo podemos perceber sua força e vontade de viver para realizar cada vez mais seus objetivos, muitos que não puderam ser realizados. Leni foi casada duas vezes e não teve filhos, foi atriz, dançarina, diretora e produtora de cinema e muitos de seus trabalhos são divulgados até hoje, e muitos também são objetos de estudo e referência na área cinematográfica.



Imagem nº 8: Leni visualizando enquadramento de cena para gravação.

5. *Aplicando Soft Power – “Olímpia” (Olympia – 1936)*

Aproveitando o plano já exposto acima sobre a cultura cinematográfica, as relações internacionais e seu comportamento neste interim e também o uso da Teoria de Soft Power sendo aplicado em todo o contexto, podemos deliberar a respeito do filme Olympia de 1936, uma produção independente de Leni Riefensthal, em plena era nazista. O filme demonstra todo o evento das Olimpíadas realizado na Alemanha, desde seus preparativos até as condecorações dos vitoriosos nesta data. Sobre este cenário exposto podemos identificar diversos itens evidenciados no que podemos chamar de utilitários do Soft Power que foram muito uteis para levantar a imagem de Hitler perante a Alemanha e o mundo exterior.

Como nos dias de hoje este foi um grande evento que parou o mundo e chamou atenção para a Nação que recebeu os esportistas e as Nações participantes, e obviamente, não pouparam esforços para que fosse algo marcante. Algo que chama muita atenção neste filme é que a gravação foi totalmente contemporânea aos fatos, assim não vemos uma representação do que se passou, mas sim o que realmente se deu em todos os aspectos.

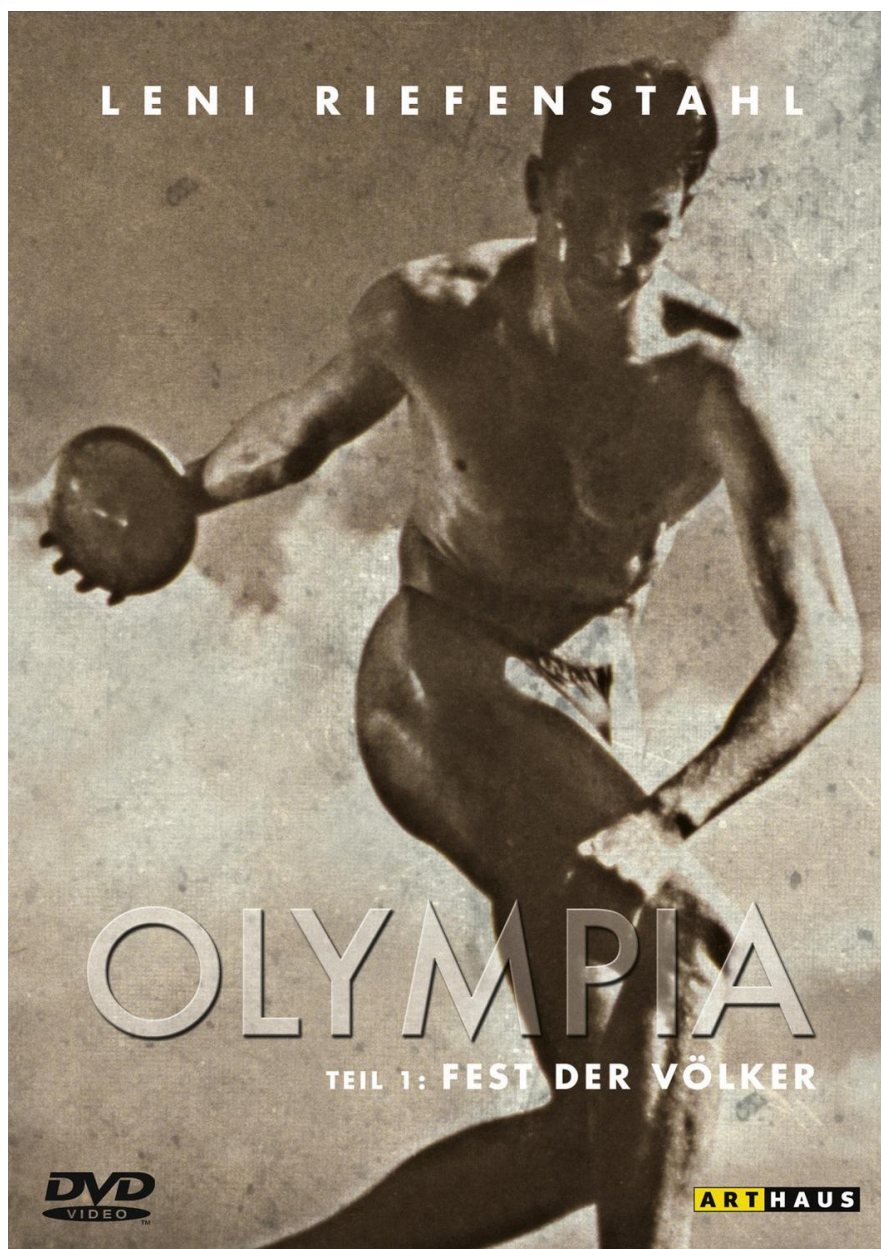


Imagem nº 9: Cartaz original do filme Olympia, reproduzido em DVD.

Na imagem acima podemos identificar um fator muito importante que faz referência aos tempos de Antiga Grécia onde Gregos e Troianos mantinham uma cultura de “culto ao corpo”, onde procuravam a perfeição em seus aspectos físicos para alcançar a força do divino, algo bem similar ao que conhecemos da cultura nazista e a raça ariana, onde se diziam uma nação escolhida para a perfeição e a partir deste ponto a história nos conta das atrocidades realizadas. Podemos deliberar também o aspecto da diferenciação proposta na ideologia nazista a respeito da superioridade da raça ariana sobre as outras nações, que fica cada vez

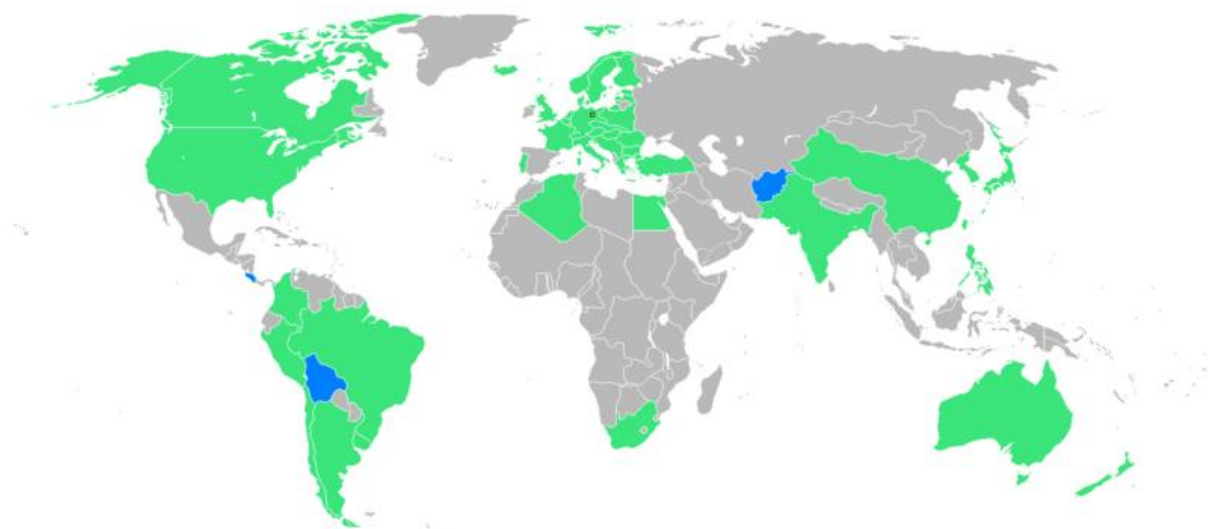
mais evidente no decorrer da produção realizada por Leni e pelos próprios comportamentos tomados pelos nazistas no evento.



Imagem nº 10: Recorte da cena inicial do filme *Olympia*.

Na imagem acima vemos que o atleta faz uma alusão a arte clássica grega expressa nas esculturas antigas, caracterizando um modelo para o ideal ariano de superioridade racial e pureza, ideal este pregado na cultura nazista. Claro que além de beleza corporal queriam mostrar a força e determinação destes atletas, com o foco de vencer e deixar cada vez mais claro a importância de se manter uma única raça sobreposta a todas as nações. Cada um destes esportistas tinham um treinamento muito pesado a nível militar, justamente para que representasse de forma justa aos ideais de Hitler.

Obviamente que a delegação alemã não foi a única bem preparada para os jogos, até porque todas as Nações tinham ciência do “espírito competitivo” que exalava da Alemanha nesta época, logo qualquer preparação seria pouco perto do desejável nos jogos para garantir a vitória diante deste quadro. Nos registros da Olimpíadas de 1936 nos jogos de verão, estão as delegações participantes abaixo em gráfico.



11

Gráfico nº 1: Países que participaram dos Jogos Olímpicos de Verão de 1936, listados no museu dos Jogos Olímpicos, derivados do mapa mundial em branco.

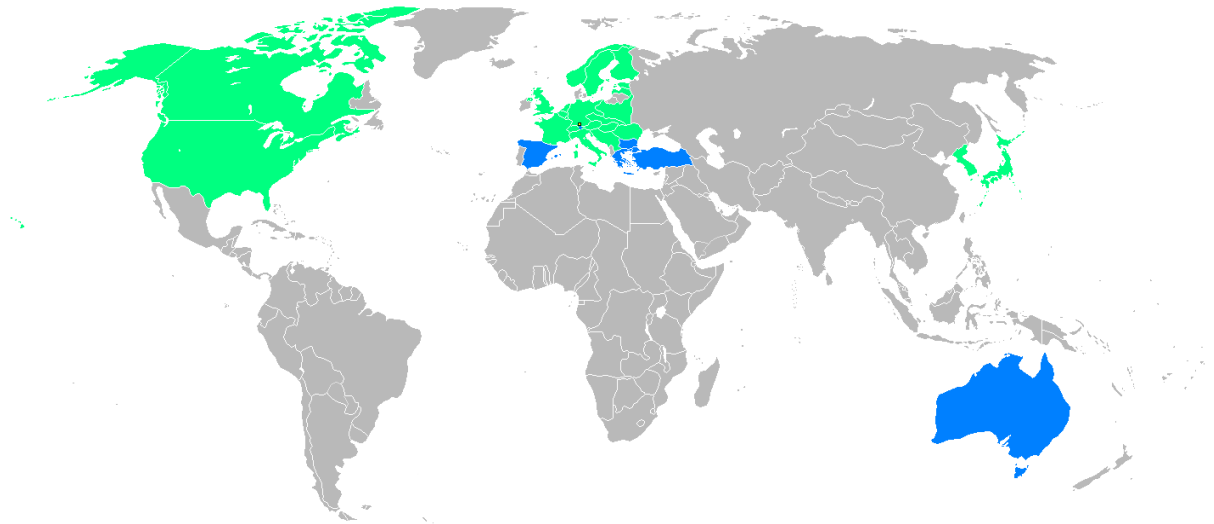
Em azul podemos ver os países que participaram pela primeira vez, em verde os países que já haviam participado, em cinza os países não participantes e em amarelo está a cidade de Berlim que sediou os jogos. Podemos ver então um total de quarenta e nove (49) nações participantes nos Jogos de Verão de 1936 conforme legenda, um número maior do que as trinta e sete (37) delegações de 1932. Seis (6) nações estrearam nos Jogos deste ano, que foram: Afeganistão, Bermudas, Bolívia, Costa Rica, Liechtenstein e Peru.

¹¹ https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:1936_Summer_Olympics_maps - Contribuição de usuário não identificado.

Abaixo a lista dos países segundo a mesma fonte do gráfico acima.

Afeganistão	Egito	Malta
África do Sul	Estados Unidos	México
Alemanha	Estônia	Mônaco
Argentina	Filipinas	Noruega
Austrália	Finlândia	Nova Zelândia
Áustria	França	Países Baixos
Bélgica	Grã-Bretanha	Peru
Bermudas	Grécia	Polônia
Bolívia	Hungria	Portugal
Brasil	Índia	República da China
Bulgária	Islândia	Romênia
Canadá	Itália	Suécia
Checoslováquia	Japão	Suíça
Chile	Iugoslávia	Turquia
Colômbia	Letônia	Uruguai
Costa Rica	Liechtenstein	
Dinamarca	Luxemburgo	

Abaixo podemos ver, outro gráfico, agora com a informação sobre os Jogos de Inverno de 1936.



12

Gráfico nº 2: Países que participaram dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1936, listados no museu dos Jogos Olímpicos, derivados do mapa mundial em branco.

Em azul podemos ver os países que participaram pela primeira vez, em verde os países que já haviam participado, em cinza os países não participantes e em amarelo está a cidade de Berlim que sediou os jogos. Podemos ver que foi um total de vinte e oito (28) nações participantes competindo nos Jogos de Inverno de 1936. Sendo que os países: Austrália, Bulgária, Espanha, Grécia, Liechtenstein e Turquia enviaram seus atletas pela primeira vez. Os países: Estônia, Iugoslávia, Letônia e Países Baixos participaram novamente após ausência no ano de 1932 nos mesmos jogos.

¹² Do usuário FilRB, em 28 de janeiro de 2009 anexado no link - https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f1/1936_Winter_Olympic_games_countries.PNG

Abaixo a lista dos países segundo a mesma fonte do gráfico acima.

Alemanha

Austrália

Áustria

Bélgica

Bulgária

Canadá

Checoslováquia

Espanha

Estados Unidos

Estônia

Finlândia

França

Grã-Bretanha

Grécia

Hungria

Itália

Iugoslávia

Japão

Letônia

Liechtenstein

Luxemburgo

Noruega

Países Baixos

Polônia

Romênia

Suécia

Suíça

Turquia



13

Imagem nº 11: Foto mostra o revezamento da tocha olímpica, tradição iniciada nos jogos de 1936.

Vale ressaltar que foi a primeira vez que houve o revezamento da tocha, esse ritual inclusive foi proposto pela própria Leni, o que mostra que até indiretamente Leni nos acompanha até hoje em seus feitos. O revezamento foi feito da Grécia até o estádio olímpico em Berlim. Isto demonstra também a vontade de apresentar um trabalho impecável não apenas para sua produção ou para Hitler, mas também ao Mundo, trabalho este que foi executado e foi de muita valia na construção geral de seu filme.

¹³ Bundesarchiv Bild, 146-1976-116-08A, Olympische Spiele, Fackelläufer, 31 de dezembro de 1935.



Imagem nº 12: A imagem apresenta um ginasta olímpico em sua modalidade.

Esta imagem nos mostra muito da força dos atletas e da concepção artística de Leni agregada em seu trabalho. Podemos dizer que Leni foi impecável em seus recortes no filme, utilizando de cada ângulo para mostrar a estrutura física de cada atleta e assim como acima no caso dos atletas alemães, mostrando a questão da importância da “raça pura” para a ideologia nazista em questão de força e empenho de cada um.



Imagem nº 13: Abertura dos jogos olímpicos, onde vemos Hitler e os grandes signatários do partido nazista (o Ministro da Propaganda Joseph Goebles e o Ministro da Cultura e da Aviação alemã Marichal Hermann Goering junto ao Presidente do Comite Olimpico alemão, fazendo a saudação nazista.

Observamos a questão de sempre ligar a imagem militar com a imagem dos jogos, tanto quanto a ideologia nazista. Podemos perceber em diversas cenas onde é mostrado os espectadores dos jogos no estádio no decorrer do filme que sempre há uma saudação seja militar ou nazista, onde a diferença se faz em continência e braços estendidos voltados aos símbolos nazi.



Imagem nº 14: Cartaz oficial das Olimpíadas de 1936.

A montagem desta imagem é autoexplicativa, no sentido que se trata da união dos elementos específicos tanto dos próprios jogos olímpicos de maneira geral, quanto características próprias alemãs.



Imagem nº 15: Abertura do filme Olympia caracterizando os atletas dos cem (100) metros rasos.

Nesta imagem podemos analisar a garra dos esportistas, o que nos remete ao clima de guerras na contemporaneidade da produção de Leni, isso observando o fato de que havia muita competitividade entre os esportistas, não apenas sobre os jogos, mas, também sobre a tensão entre as nações, onde ganhar de outro competidos significava não apenas a vitória particular com a premiação simbólica em medalhas, mas a questão de vitória sobre outra nação.



Imagem nº 16: Recepção da tocha na entrada do estádio olímpico de Berlim. Ao fundo percebemos claramente, a associação da ideologia e militarismo nazista aos jogos.

Na imagem acima percebe-se o alinhamento militar dos esportistas e dos oficiais nazistas neste momento simbólico que se faz na chegada da tocha. Todos em uma postura de certa forma séria e impecável em seu alinhamento. Este fato inclusive foi uma das exigências do partido nazista para que fosse mostrado o respeito a nação e a ordem que é mantida no país, mostrando assim a tentativa de forma impecável em que Hitler mantinha seu governo.



Imagem nº 17: Cena do filme Olympia que retrata um atleta de disco. Na cena percebe-se claramente uma associação ao “discóbolo” de Miron, importante escultura de representação clássica da antiguidade.

Podemos analisar novamente o cuidado com a estética no trabalho de Lenin, ao retratar nas imagens a questão da antiguidade que retrata a questão dos antigos guerreiros Gregos e guerreiros, fator importante para a obra em seu contexto geral uma vez que queria ligar a imagem dos esportistas a sua força e o potencial de intimidação perante os demais.



Imagem nº 18: Leni Riefensthal e a seleção de cenas na montagem do filme Olympia.

Observamos aqui a dedicação de Riefenstahl em analisar cada cena do rolo e cada detalhe para que não fosse passado imagens indesejadas e manter assim apenas a grandeza que conseguiu registrar durante o evento. Leni analisou rolos e rolos de filme até conseguir chegar no que achou mais apropriado a se apresentar para o povo alemão e assim ao mundo.



Imagem nº 19: Entrada de Hitler na abertura dos jogos olímpicos de 1936. A direita vemos o presidente do Comitê Olímpico Internacional Henri de Baillet-Latour.

Hitler nesta imagem se encontra no centro, entre os homens mais poderosos deste evento, mostrando sua superioridade em relação aos demais em sua atitude seria e focada em surpreender seus convidados. Podemos perceber um certo respeito hierárquico dado de bom grado pelos militares ao seu lado, como se demonstrassem estar honrados em poder andar ao lado dessa figura de postura firme.



Imagem nº 20: Gesto que foi empregado ao “movimento das olímpiadas que nos remete a saudação nazista.

Com a imagem acima vemos novamente o emprego do Soft Power no evento tão popular quanto o foi, é possível notar que a saudação nazista foi incorporada aos jogos de maneira nada sutil, porém, por mais evidente que fosse, ainda agia como soft power uma vez em que um gesto significava outro em suas entrelinhas.



Imagem nº 21: Jesse Owens, esportista negro se preparando para a largada

Segundo o autor Larry Schwartz (2000) “a teoria nazista de superioridade da raça ariana foi derrubada por um negro, filho de escravos e que, em seu país, ainda era obrigado a andar na traseira do ônibus para não se juntar aos brancos. Aos 23 anos, o velocista Jesse Owens foi o grande protagonista das Olimpíadas de Berlim.”



Imagem nº 22: Pódio dos campeões para o recebimento das medalhas de honra.

Para Schwartz (2000), Owens foi o responsável pela maior derrota alemã da competição. Um dos vários contos sobre o caso, diz que, ao chegar em primeiro lugar, batendo o recorde nos cem (100) metros rasos, o norte-americano não recebeu o cumprimento de Hitler, que abandonou o estádio no mesmo momento, mostrando assim sua indignação perante aquele fato. Também recebeu a premiação de ouro na categoria de duzentos (200) metros e no salto em distância – ambos na época foram recebidos como recordes olímpicos -, e nos quatrocentos (4 x 100m) metros, com o time norte-americano batendo assim o recorde mundial. Um detalhe importante de ser analisado também é o fato do norte-americano se recusar a fazer o “sinal olímpico” que era idêntico a saudação nazista.

6. Conclusão

Este trabalho abordou o filme de ***Olympia***, uma produção de Leni Riefenstahl que serve de fundamento para uma análise sobre como o cinema nacional-socialista (foi utilizado como ferramenta das políticas internacionais através do conceito Soft Power).

Neste sentido, iniciamos a fundamentação teórica esclarecendo brevemente o conceito baseado com teoria de Joseph Nye e sua relevância ao explicar ações ocorridas no cenário internacional através de teorias formuladas pelo autor. Também foi desenvolvido um recorte da história do cinema para entendermos sua relevância no cenário cultural do século XX.

Fazendo uma ligação deste processo histórico e cultural com as transformações políticas ocorridas no período, mostramos o surgimento do movimento Nacional Socialismo após a 1ª Guerra, a tomada da liderança por Adolf Hitler, a tentativa de golpe em 1923 e o percurso legal da batalha política até a escolha de Hitler como Chanceler em 1933 e as repercussões internacionais da Alemanha Nazista no exterior.

Passamos também por um breve recorte da história da atriz e cineasta alemã Leni Riefensthal, para entendermos seu trabalho e relação com a ditadura nazista. Em um breve recorte, caracterizamos brevemente o trabalho realizado para Hitler e as transformações que a cineasta possibilitou à arte cinematográfica.

Tratamos então sobre a análise do filme *Olympia* identificando a teoria de Nye sobre o Soft Power. Avaliamos, assim, os recortes de algumas cenas do filme que ajudaram a exemplificar e justificar os argumentos utilizados. Nesta análise, conseguimos relacionar o cinema com a teoria de Soft Power das Relações Internacionais onde, percebemos o quanto o cinema pode ser uma ferramenta de manipulação em favor de Governos e Ideologias.

Podemos concluir também que a repercussão das mensagens então empregadas em produções cinematográficas são eficazes sim em seu objetivo de

encantar e ludibriar a mente do telespectador, fazendo-o acreditar em ideologias racistas e absurdas.

Neste sentido, concluímos que a possibilidade de realizar grandes alterações na forma de pensar da massa, transformou então o cinema em uma arma poderosa, principalmente no momento do surgimento e desenvolvimento da indústria cinematográfica, um pouco antes de inserção da internet na sociedade contemporânea. E identificado esta ferramenta como de grande valia para governos e ditaduras, no caso da Alemanha Nazista foi possível alcançar o objetivo de melhorar a imagem do país no exterior, possibilitando as investidas e ações militares de Hitler que culminaram com a Segunda Grande Guerra.

No caso do filme *Olympia* podemos perceber nitidamente a forma sutil e, muitas vezes direta, de trabalhar o ideal ariano e a ideologia racista de Hitler. Assim, foi possível compreender em nossa trabalho aquilo que Nye caracteriza em sua teoria do *Soft Power*: a possibilidade do cinema ser utilizado como um meio essencialmente sedutor, atraindo o espectador à uma ideologia ou ideia, não utilizando a obrigação ou coação a fazer o que se deseja, pois o *Soft Power* torna-se uma poderosa arma de articulação sedutora de poder, cooptando “as pessoas a quererem ser iguais ao invés de obriga-las a tal” (NYE, 2002, p.123).

7. Referências

- ADORNO, Theodor. Indústria cultural. In: COHN, Gabriel. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987a.
- ALTER, Stephen. Fantasies of a Bollywood Love Thief: Inside the World of Indian Moviemaking, 2007.
- AMARAL, Diogo Freitas do, História das Ideias Políticas, Vol. I, Coimbra, 2003.
- AMERICAN Movie Classics, "Timeline of Greatest Film History Milestones'..."1914", Retrieved 2009-04-15
- ANALISE GLOBAL, Panorama das Relações Internacionais, Soft Power – Definição, <<https://analiseglobal.wordpress.com/2011/07/26/soft-power-definicao/>> Acesso em 26 de julho de 2017.
- BALLERINI, Frantjesco. Diário de Bollywood: Curiosidades e Segredos da Maior Indústria de Cinema do Mundo. Summus Editorial. São Paulo, 2009.
- BALLERINI, Frantjesco. Poder Suave (Soft Power). São Paulo, Summus, 2017.
- BERNARD 'Bollywood' Gibson. Passing the envelope, 1994.
- BRADLEY, Catherine. Hitler e o terceiro Reich. Rio Tinto: ASA, 1990.
- BUNDESARCHIV BILD, <<https://www.welt.de/sport/article1974231/Der-erste-olympische-Fackellauf-fuehrte-nach-Berlin.html>>, Olympische Spiele, Fackelläufer, 31 de dezembro de 1935. Acesso em 11.11.2017.
- CARVALHO, Pedro C. O Fascismo e o Nazismo. Lisboa: Editora do CIARI - Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais. Disponível em: www.ciari.org. Acesso: 11 de outubro de 2007.
- CONZE, Eckart. et al.. Das Amt und die Vergangenheit. Deutsche diplomaten im dritten reich und in der Bundesrepublik. München: Karl Blessing Verlag, 2010.
- DE FELICE, Renzo, Breve História do Fascismo, Lisboa, 2005
- DIRKS, Tim. A Trip to The Moon. FilmSite.org. Consultado em 8 de janeiro de 2007
- DOMARUS, M., Hitler's Proclamations and Speeches, Londres, 1990
- FEST, Joachim C. Hitler . Rio de Janeiro : Nova fronteira, 1991.

- FREI, Norbert, O Estado de Hitler. O Poder Nacional-Socialista de 1933 a 1945, Lisboa, 2003
- GANTI, Tejaswini. Bollywood, Routledge, New York and London, 2004.
- HAKE, Sabine. Popular Cinema of the Third Reich, 2002.
- HITLER, Adolf, A Minha Luta, S. Paulo, 1983
- HOBBSAWM, Eric, A Era dos Extremos. História Breve do Século XX: 1914-1991, tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli- — São Paulo : Companhia das Letras, 1995
- IMDB article "Photo-Drama of Creation (1914)", IMDB article "Trivia", Retrieved 2009-04-15
- JACKEL, E., Hitler in History, Londres, 1984.
- JENTLESON, Bruce. "Principles: The Coming of a Democratic Century?". In American Foreign Policy: The Dynamics of Choice in the 21st Century, p. 362
- JOLLY, Gurbir, Zenia Wadhvani, and Deborah Barretto, eds. Once Upon a Time in Bollywood: The Global Swing in Hindi Cinema, TSAR Publications. 2007.
- JORDAN, David; WIEST, Andrew. Atlas da segunda guerra mundial: as duas frentes de batalha. Tradução de Tatiana Napoli. São Paulo: Escala, 2008.
- JOSHI, Lalit Mohan. Bollywood: Popular Indian Cinema.
- KABIR, Nasreen Munni. Bollywood, Channel 4 Books, 2001.
- KEOHANE, Robert & Joseph Nye. "Power, Interdependence and the Information Age". In Little, Richard; Smith, Michael (ed) Perspectives on World Politics. Psychology Press, 2006, p. 186s.
- KERSHAW, I., The Nazi Dictatorship, Problems and Perspectives of Interpretation, Londres, 1985
- KREIMEIER, KLAUS. The UFA Story: A History of Germany's Greatest Film Company (1918-1945), 1996.
- MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre (Org.). Historiografia contemporânea em perspectiva crítica. São Paulo: EDUSC, 2007
- MATTHEW FRASER, Weapons of Mass Distraction: Soft Power and American Empire. St. Martin's Press, 2005.
- MCCORMICK, John The European Superpower. Palgrave Macmillan, 2006.
- MEHTA, Suketu. Maximum City, Knopf, 2004.
- MISHRA, Vijay. Bollywood Cinema: Temples of Desire.
- MUSSOLINI, Benito, A Doutrina do Fascismo, Roma, 1932.
- NYE, Joseph S; KEOHANE, Robert, Power and Interdependence, Estados Unidos, Longman, 2001.

NYE Jr., J. S. O paradoxo do poder americano: porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

NYE, Joseph. Propaganda Isn't the Way: Soft Power

NYE JR., Joseph S. The Benefits of Soft Power Working Knowledge, 8 de fevereiro de 2004. Harvard Business School.

NYE, Joseph, Soft Power: The Means to Success in World Politics. Public Affairs, 2004.

NYE Jr., S. Soft Power: The Means to Success in World Politics. Abril. 2004. Entrevistador: Joanne Myers. Nova Iorque: Carnegie Council, 2004. Disponível em: <<http://www.cceia.org/resources/transcripts/4466.html>>. Acesso em: 12 de setembro de 2017.

PENDAKUR, Manjunath. Indian Popular Cinema: Industry, Ideology, and Consciousness. Raheja, Dinesh and Kothari, Jitendra. Indian Cinema: The Bollywood Saga.

PRÉLOT, Marcel e LESCUYER, Georges, História das Ideias Políticas, Vol. II, Lisboa, 2001

QUINSANI, Rafael Hansen. A Revolução em Película: Uma reflexão sobre a relação cinema-história e a Guerra Civil Espanhola. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dissertação de Mestrado) (2010) pp. p. 61.

RAJADHYAKSHA, Ashish and Willemen, Paul. Encyclopedia of Indian Cinema, Oxford University Press, revised and expanded, 1999.

RICHARD, Michel, As Grandes Correntes do Pensamento Contemporâneo, Lisboa, 1978

SCHWARTZ, Larry. Owens pierced a myth. ESPN <<https://www.espn.com/sportscentury/features/00016393.html>> Acesso em 13.11.2017.

STERNHELL, Zeev, SZNAJDER, Mário e ASHÉRI, Maia, Nascimento da Ideologia Fascista, Lisboa, 1995

TOUCHARD, Jean, História das Ideias Políticas, Vol. IV, Lisboa, 1991

WEBER, Eugen J., Varieties of Fascism, Doctrines of Revolution in the Twentieth Century, University of California, 1982

WELCH, David, Hitler, Perfil de um Ditador, Lisboa, 2002.

ZANELLA, Christine Koehler. Contracapa. As Relações Internacionais e o cinema. Volume 1: Espaços e Atores Transnacionais. 2015.

